



## PARA ALÉM DAS LIVES

### entrevista Analu Braga

Olá Ouvinte, este é o quinto episódio do **PARA ALÉM DAS LIVES**. Eu sou Frederico Pessoa e este podcast é fruto de um projeto de pesquisa realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Hoje, nossa convidada é a Analu Braga, percussionista, professora e Mestre em Artes pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, com a dissertação: “Eu organizo o movimento, eu oriento o carnaval: mulheres regentes no carnaval de Belo Horizonte”. Analu possui uma extensa trajetória na cena belo-horizontina, tendo integrado diversos grupos musicais, como O 4 na Roda, o Batuque Beauvoir, o Choro da Mercearia, o Corta Jaca, e tocado com diferentes artistas, como Wilson das Neves, Elza Soares, Zé da Guiomar, entre outros. Conversamos sobre esse campo novo que explorou durante a pandemia, a pesquisa acadêmica atrelada a suas práticas musicais, bem como sobre as dificuldades que ela enfrentou, e os diferentes caminhos e soluções que encontrou para sua carreira nesse período sem eventos presenciais.

#### PARA ALÉM DAS LIVES Música e Tecnologia pós pandemia

**Frederico:** Ei Analu, blza? Eu trabalho na UFMG, num estúdio que tem no Depto. de Comunicação e faço parte de um grupo de pesquisa também, o Escutas, que é de lá [da UFMG - Depto de Comunicação Social], e a gente já estava pesquisando mesmo o impacto da Covid no meio musical, sabe? Mais o aspecto financeiro [desse impacto]. E eu tô fazendo uma [pesquisa] paralela, que é mais a ideia de boas práticas, soluções: o que as pessoas tentaram fazer, ou conseguiram... Se reinventar, tentar achar caminhos para poder continuar fazendo suas atividades ou criar novas atividades, novos campos de atuação dentro da área musical. A pesquisa se chama **PARA ALÉM DAS LIVES: música e tecnologia pós-pandemia**. [E tem foco] mais nessa ideia - [as soluções]. para além das lives, porque as Lives se esgotaram de certa maneira, rapidamente, né? Pessoas conseguiram fazer coisas grandes. Gente com financiamento faz, quer dizer, continua [a fazer]. Na verdade, as Lives se esgotaram entre

aspas! Mas é mais difícil para quem está em certos pontos dessa indústria da música, fazer isso funcionar. E aí eu sei que as pessoas fizeram outras coisas funcionarem... E a ideia é coletar essas coisas que surgiram.

**Analu Braga:** Ei Fred! Não sei se eu comentei, mas nós estamos aqui na Inglaterra! Aventuras! Vamos passar esse ano aqui. Tem, de certa forma, tem um pouco a ver com isso tudo também, né? Mas eu tô tranquila, relativamente tranquila, fazendo um mestrado. Mas bacana demais, o projeto!

**Frederico:** Obrigado. Que notícia legal, né? Acho que é uma experiência super bacana o mestrado fora do Brasil, né? Bom, a primeira coisa que eu te pediria, apesar de que eu sei um pouco da sua história... Mas eu gostaria que você contasse, em áudio, aqui, um pouco da sua trajetória na música. Como é que foi esse percurso até o momento atual. Uma coisa rápida mesmo, mas isso: suas inserções, os campos em que você atua, em que você construiu um pouco o seu caminho, e como você está agora.

E depois, já adiantando mais um pouco dessa conversa, se pudesse me falar como é que era o seu uso dessas tecnologias de comunicação, de troca, para ensaiar, para divulgar, para financiar o seu trabalho nessas redes todas que temos por aí... E depois, na pandemia. Com o impacto da pandemia, a gente sabe que teve um impulso aí pra gente dar uma certa... Não sei se migrar, mas explorar esse outro campo que a gente não explorava, talvez tanto. Algumas pessoas já exploravam, outras não, né? E aí você fala um pouco disso: se com a pandemia, [isso] mudou. Se você realmente começou a se programar mais, se descobriu coisas, caminhos, percursos para poder tentar solucionar os reveses que a pandemia trouxe. Acho que é bem isso. Se você conseguiu encontrar esses caminhos e que caminhos você tentou, né? O que você experimentou, o que deu certo e o que não deu... Porque tudo é relevante.

**Analu Braga:** Então, vamos lá! Pensando na minha trajetória, na minha história com a música até hoje em dia... Na verdade, eu volto na minha infância, porque a minha mãe, a família da minha mãe, minha mãe tem cinco irmãos, né? São seis irmãos ao todo. Tem um tio que toca e canta e eles, a gente, brinca que é a "Família Dó Ré Mi", porque desde de sempre eles cantam. A gente brinca que na minha família tem cantoria de aniversário a velório! E é isso mesmo: para tudo tem cantoria! Então eu tenho essa influência forte, né? E aí minha mãe cantava na noite (sic) em BH e eu ia às vezes, né? Às vezes não, às vezes ficava com meu pai. E aí, nesse caminho, tinha um percussionista que acompanhava minha mãe e minha tia - Lu e Celinha - que formavam uma dupla que cantava ali pela cidade na década de 80, 90. E eu sempre ficava encantada com o Zé Babsky que era esse percussionista. Mas, assim, eu não imaginava que eu ia tocar percussão! E aí eu comecei a brincar. Eu na adolescência

tocava violão, aprendi vendo cifra, meio de ouvido. Entrei para um coral. Cantava. Fiz capoeira. Na capoeira, eu acho que tive meu primeiro contato com a percussão, tocando pandeiro e tal.

E aí, duas coisas aconteceram que me deram um start, assim: minha mãe resolveu fazer uma aula de percussão com o Carlos Bolão, que é um cara que tocou numa banda do Caetano, na década de 70 e tal. E ele morava em BH e eu fui com minha mãe. Minha mãe nunca mais voltou! E ele me adotou! Ele falou: “nossa! Você leva muito jeito” e tal. E me deu, tipo, uma bolsa. Paralelo a isso, eu ia para a escola de ônibus e eu descia perto do... Eu morava no Padre Eustáquio, e descia perto do Choro ali na... Ali no Padre Eustáquio, né? O Bar do Bolão. E aí eu comecei a frequentar. Adolescente, ainda não sabia tocar direito... Ficava perto da roda. Comecei a fazer amizade com a galera da roda e comecei a tocar dando canja. Então, esse start veio meio que daí né? Logo nessa época também, eu conheci o Espaço Gourmet de Cultura Popular através do Trovão das Minas. E, enfim, comecei a fazer oficina com vários Mestres Brincantes da cultura popular. Fiz a oficina do Uakti, do grupo Uakti também nesse início. Aí, minha tia tinha uma escola de canto na Pampulha e eu comecei a dar aula para iniciante lá. Então foi uma experiência assim, já de cara também, com a, nesse sentido, docência. De ensinar né? Aprendi fazendo também. Então tem essa relação muito da prática e dos processos da “mão na massa” mesmo.

E aí, a partir daí, eu comecei a tocar. Eu entrei para o grupo Sarandeiros, que é um grupo da UFMG de dança folclórica, né? Hoje em dia muito mais voltado para o palco e tal. Mas na época, tinha uma galera que pesquisava a cultura popular e eu muito envolvida nisso tudo, enfim. E aí fui trilhando. Vieram bandas... E já, mais, deixa eu ver, lá para os 25 anos, eu resolvi fazer faculdade de música. Eu tentei vestibulares para percussão na UFMG e acabei não passando porque era um nível técnico muito alto. E na época eu ainda não tinha. Acabei fazendo o vestibular para licenciatura em Educação Musical na UEMG e passei. Foi ótimo, pois achei que tinha tudo a ver, na verdade, né? E aí também entrei nesse caminho de dar aula para criança. Enfim, aí minha vida foi... Comecei em várias bandas. Se quiser, depois eu falo mais disso, desse processo: as pessoas com quem eu já toquei e tal. Mas [entrei] nesse processo de tocar e dar aula, né? E sempre tive essas duas coisas caminhando muito juntas, uma paralela à outra.

Em 2013, aquele movimento... Na verdade, desde 2009, né? Que eu me envolvi no movimento do carnaval e na Praia da Estação. Mas como eu já tocava profissionalmente como percussionista, durante o carnaval eu trabalhava bastante também. Então esse movimento Inicial, assim, eu ia quando eu conseguia! Mais como batuqueira mesmo! Como foliã e tal. E lá em 2012, eu montei com a minha tia, na Pampulha, fora do circuito do centro, do baixo centro, um primeiro bloquinho de carnaval que foi o Atrás do Jacaré (risos). E depois vieram outros blocos, outros trabalhos, né? Acho que é isso. Então eu fui me firmando na cultura popular, no Samba, no Choro e nessa

prática do carnaval. Que são as coisas que eu toco mais hoje... Forrozinho também!

Bom, eu nunca fui uma pessoa muito tecnológica. Acho interessantes os recursos que a gente tem, mas eu sou muito mais analógica nesse sentido musical. Nunca explorei muito pedal, essas coisas. O máximo que eu tenho de equipamento é um microfone mesmo. Quando o Ravi (meu filho) nasceu, eu pensei em entrar... Eu pensei que ia ficar mais em casa, pensei em trabalhar com trilha [musical], investir. Comprei um computador bom, mas não comprei placa não. Não consegui seguir nesse processo.

E tenho um pouco de preguiça de ficar alimentando rede. Acho um pouco de... Eu prefiro o olho-no-olho, assim, o cara-a-cara, né? Eu sou mais dessa pegada, dessa vivência. Então eu posso dizer que



antes da pandemia... Claro a gente, como musicista autônoma, eu preciso de estar ali sempre, né? É muito doido isso, porque se não, você acaba ficando esquecida! “Quem não é visto, é esquecido”, a gente fala, né? Inclusive, sair, tocar, às vezes aparecer num lugar e dar “canja”, isso tudo mantém... Aquelas pessoas te verem e se lembrarem de você, e te chamarem para um trabalho e tal.

Bom, mas isso. Eu nunca fui muito ligada às tecnologias na rede, apesar de alimentar, o mínimo possível! E com a pandemia... Eu trabalhava ali, né? Há cinco anos no Balão Vermelho. Então, fora as aulas particulares que eu dava, as turmas que eu tinha, os trabalhos como musicista, eu tinha um emprego formal que me demandava bastante tempo também. E aí no início de 2020, sem saber o que estava por vir, eu resolvi... Eu já tava meio querendo abrir um espaço meu. Tinha muita procura de aula de percussão em grupo, com essa demanda talvez até do carnaval mesmo. Mas também aula de pandeiro e outros tipos de percussão. E aí eu pedi demissão no início de 2020 e tava prestes a alugar um espaço para dar aula.

E aí, pá, veio a pandemia. Eu tive que tentar entrar mais nesse circuito das redes sociais. E comecei a tentar usar mais essas ferramentas e fazer vídeos. Baixei uns vídeos, uns programas de edição e tive que mudar o formato, né? Não aluguei espaço nenhum e comecei a dar aula online. No início foi desesperador! (risos) Porque é isso né? Essa minha dificuldade um pouco com essas tecnologias... Aí eu comecei a dar aula. Experimentei todas. Experimentei Jitsi, Duo... Como é que chama aquela antiga que a gente usava? Agora me fugiu o nome aqui. Tem gente que ainda usa. Esqueci. Enfim, e aí acabei ficando no Zoom, que foi o que eu achei que deu mais certo e eu consegui dominar a equalizar assim, né? Porque tinha um negócio do cancelamento do som... E aí eu tocava e a pessoa não escutava ou vice-versa... E no Zoom, eu rapidamente consegui entender e mexer na ferramenta. Enfim, consegui ter um um retorno bom.

E comecei a dar aula rapidamente. Pedi ajuda a uma amiga produtora que fez um formulário para mim e rapidamente eu tinha muitas pessoas inscritas e interessadas. E foi o que me salvou nesse 2020, onde eu fiquei, em média, com uns 20 alunos por mês. Curiosamente, alunas, a maioria, né? Eu não abri aula só para mulheres, mas é muito interessante isso. Acho que, claro, tudo a ver com o meu percurso e o que eu curto e busco. Tenho buscado nos meus trabalhos. E isso...

E aí assim, comecei a perceber... Começaram a rolar muitas gravações, né? Pessoas pedindo para eu gravar, e eu só com o meu pandeirinho ali, no celular. Comecei a perceber que me faltava equipamento... E também para eu conseguir controlar o som um pouco. Muitas pessoas que me pediam para gravar já sabiam mexer e administrar, editar, mixar, né? Já tinham um programa... Mas aí, o resultado disso tudo é que até hoje eu estou tentando comprar uma placa, né? Para ligar o microfone. Não tenho isso ainda. Ainda estou nessa busca, para você ver o tanto que eu sou rápida com isso! (risos) Mas descobri algumas outras formas, né? Fui testando. E me falaram do fone, e do microfone do fone. Algumas coisas que a

gente pode fazer para melhorar, né? E fui testando também formas de gravar com telefone mesmo, enfim. Então, baixei aquele Aca-pella para fazer edição de vídeo, tocar sozinha.

Então acho que é isso! Antes era zero, né? O meu contato [com as tecnologias]. E agora eu comecei a despertar isso tudo. Entendi que sim, é muito importante ter. A vontade agora é bem maior do que eu já tinha antes. [Vontade] de ter um mini estúdio em casa, uma base-zinha. Eu entendi que não precisa de muita coisa, que basta você ter uma placazinha por onde... Uma interface, né? Por onde vai passar o seu som e um programinha para você conseguir equalizar. Mas até hoje não cheguei nesse ponto!

Bom, atualmente eu não tô dando aula mais online, porque eu tô com o mestrado e consegui aprovar outros projetos, né? Consegui aprovar o edital emergencial da Aldir Blanc que já passou também. Demandou bastante trabalho. Foi ótimo, mas também não foi um projeto que segurou uma super grana, mas contribuiu bastante. E me possibilitou parar e dedicar, né? Porque eu linkei com o meu mestrado, que é o que eu tô fazendo agora.

**Frederico:** Obrigado pela contribuição! Que legal também ter uma perspectiva de cada pessoa com quem eu estou conversando, né? Acho que é legal saber um pouco dessa história de como que vem, como chega onde está, né? E tal. Acho que faz parte também de uma referência de percurso. Às vezes o percurso também diz um pouco de como você foi trabalhando a momento. A segunda parte, né? Você fala mais sobre a situação da pandemia e tal, seus usos, né? Acho que muita gente como você... Era isso mesmo, já tinha muita coisa articulada. Então também não fazia muito uso de rede social, porque não tinha necessidade disso, né? Assim, um pouco. Aquele que é o limite do necessário, né? Mas a pandemia jogou a gente para cima com esse negócio: você tem que entrar com mais força [nas redes].

Muito legal! E você já falou que não tá mais dando as aulas online, né? [Mas] eu queria saber um pouco mais... Eu quero saber um pouco mais de como foi o processo de conseguir as aulas. Se foi fácil, a pessoa fez um formulário e circulou por onde? Como é que você conseguiu? Você acha que foi mais boca-a-boca? Você acha que foi o formulário online? Você divulgou em alguns lugares? Isso atraiu? O que que funcionou para você ter os alunos? Foi legal que teve uma série de alunos, alunas no caso, né? E que permaneceram com você e tal o ano todo tendo aula etc., até a hora que você foi mudando um pouco de rumo. Mas queria saber um pouco disso. Como que esses alunos chegaram. Como é que foi, o que funcionou efetivamente? Por onde que circulou e tal.

E outra [coisa], é falar um pouquinho também do seu projeto da lei Aldir Blanc. O que era o projeto? Que que você realizou? Como é que funcionou e tal... Um pouco disso.

E também, obviamente, né? (risos) O seu momento atual: o mestrado. Como é que você foi parar nessa ideia do mestrado e o que que

é o seu mestrado? O que tá rolando? E tal... Como é que funciona?  
Então é isso. Só aprofundar um pouco naquilo que você já tocou, né? Que é a questão das aulas, como funcionaram e também essas outras duas coisas: o projeto que você desenvolveu na Aldir Blanc e em terceiro [Lugar], o seu mestrado!

**Analu Braga:** Bom, vamos lá então! Respondendo à primeira pergunta, sobre como que eu consegui as aulas... Através de onde eu divulguei e tal... Assim que começou o ano, eu tinha pretensão de alugar um espaço e aí [veio] a pandemia. Com a pandemia, eu dei graças a Deus que eu não aluguei! (risos) Mas me vi num momento de me reinventar mesmo. Então, como tudo estava acontecendo online, eu pensei nessas aulas online. E aí uma amiga que é produtora e que a gente já tava em contato, ela já ia me dar uma força. Na verdade, eu acho que ela se solidarizou, assim, um pouco com a situação toda e [se] ofereceu para dar uma força caso eu precisasse. E aí caiu do céu, porque eu sou péssima, né? Como eu já disse (risos), com essa, com esse meio digital todo. Eu sou super analógica e nunca tinha feito esse processo. Por mais que seja uma coisa bem simples. E agora eu sei que é muito fácil criar um formulário e lançar na rede. São vários detalhezinhos que, quando a pessoa já está acostumada, é muito mais fácil, né?

Então ela deu esse start para mim, me ajudou a pensar como chamaria a minha escola de percussão. Eu fiz uma pequena reunião com ela e já tinha pensado no nome “Mão no Couro”. Ela criou para mim uma conta, um e-mail, né? Com esse nome. E baseada nos dados, em tudo que eu passei para ela, fez um formulário para mim. E aí isso: eu lancei na rede! E foi incrível a reverberação que isso teve. Rapidamente eu tive um retorno muito grande, de muitas pessoas respondendo a esse formulário. Eu acho que eu mantive uma média de, durante o ano, por mês, 20 alunas. A maioria alunas, mas tive alguns poucos alunos também. Eu tive, tipo umas 50 respostas no formulário, né? O que foi incrível! Que me deu um gás também! E circulou só pela internet.

E tive algumas ajudas espontâneas. Teve uma matéria que saiu sobre aulas online. Posso até procurar aqui, depois te mandar isso, mas eu acho que o que deu uma uma super força também, deu uma uma visibilidade maior... Acho que começaram acontecer Lives. Então a partir do momento que eu participei de algumas Lives, né? Teve uma Live do Pandeiro Etc., onde as pessoas que estavam ali também puderam saber que eu tava dando aula online. Eu dei uma oficina online de pandeiro no Universo do Choro, na Percussão Circular, que é a escola do De Souza que tava se reinventando. Então acho que também outras pessoas. Então acho que isso... Assim... As pessoas ficaram sabendo através da minha própria [rede]: do meu Instagram, [do] Facebook; matérias que circularam e as Lives que eu tive a oportunidade de fazer.

Em 2020, no final de 2020... Eu me formei em Licenciatura em Educação Musical em 2010, 2011, na UEMG (Universidade Estadual de

Minas Gerais). E sempre tive uma vontadezinha de seguir, de fazer um mestrado. Mas logo depois, eu na época tocava na noite, né? Bastante! E logo depois veio a maternidade. O que demanda um pouco de tempo, principalmente eu mãe-solo durante muito tempo. E aí, com essa brecha que a pandemia trouxe, essa possibilidade de estar em casa, eu vi que abriu o edital. Eu comecei a pensar nessa possibilidade, no mestrado.

Uma amiga, que hoje em dia inclusive é a minha orientadora, na época me mandou e falou: “ó, tá aberto o mestrado em artes da UEMG”. Eu já tinha pensado, a princípio, em fazer um mestrado profissional. Porque eu acho que eu conseguiria lidar melhor [com ele] pelo meu fluxo de trabalho, como giguera (que dá muitos shows) e como educadora. Mas aí eu percebi que é isso, né? A pandemia, ao mesmo tempo que eu tava com o Ravi em casa, alfabetizando e tal... A gente ganha um tempo também por não ter deslocamentos. E aí, enfim, nos “45 do segundo tempo”, eu escrevi um projeto de pesquisa que já tava na minha cabeça há bastante tempo, que era, a princípio, para falar sobre a comunicação da regência no carnaval de rua de Belo Horizonte, né? Então falar dos sinais, das senhas. Esse universo que eu percebi que era muito pouco tratado, né? Não tinha muita coisa sobre. E eu fiz parte do Frito na Hora, que é um grupo que nasceu em 2007, mais ou menos, criado pela Chaya. Um grupo de improvisação musical. A princípio, era um grupo só percussivo e dirigido por sinais, né? Por senhas. Que me abriu a cabeça de uma forma incrível! Eu tive contato com outras linguagens, o Soundpainting, eu não sei se você conhece, que é uma linguagem que liga através dos sinais não só a música, mas outras artes: artes visuais, dança, enfim.

E aí eu passei no mestrado em 2020. E em 2021, logo veio o projeto, a lei Aldir Blanc, que eu já associei diretamente ao meu mestrado e escrevi dois projetos: um de fazer algumas entrevistas com algumas pessoas regentes, atuantes na cena do carnaval de rua de BH; e outro, já mais específico, só com mulheres e focando nessa linguagem dos sinais que elas utilizavam, pensando de onde vem, como essas linguagens acontecem. Como elas se criam, se transformam, enfim. E aí, em 2021, eu percebi que era inevitável e super importante, relevante, eu tratar especificamente das mulheres regentes. Que era uma brecha também, era uma brecha na academia. Não só como um assunto, mas trazendo as mulheres, né? Ali à frente de uma bateria, mas também na educação, porque a regência tem essas várias... [A regência] se desmembra em várias funções, né? A pessoa que tá, que é a regente, ela puxa ensaios, oficinas. Então ela também é uma educadora. Cria arranjos, [realiza] diversas funções aí que, às vezes, não são muito valorizadas.

E aí eu ampliei o leque: percebi que a linguagem era interessante, importante tratar, mas trazendo essa questão de gênero forte. E pensando também nas referências dentro do mestrado. Percebendo que as referências em geral são masculinas, né? Masculinas nesse meio acadêmico. Então fiquei, assim, instigada e minha pesquisa vi-



rou o mestrado. No caso, virou [mestrado] sobre as mulheres regentes no Carnaval de rua de BH. E é isso aí, lancei esses dois projetos, né? Uma série de entrevistas que aí mescla: tem tanto regentes homens, quanto regentes mulheres; e o outro projeto, já só com mulheres. E agora eu sigo nesse mestrado! E é isso. (risos)

**Frederico:** Nossa, incrível, hein Analu?! Não só o tema, mas também isso que você falou, trazer essas questões que estão para além da própria percussão, da linguagem, mas [sobre] a questão de gênero. Que é importantíssimo! Bom, muito legal! Depois vamos ver... Você fala quando concluir, né? E eu queria te perguntar uma coisa que acho que faltou, quer dizer, queria na verdade entrar em detalhe... Sobre as Lives que você fez, se você pudesse falar um pouquinho mais. Como elas apareceram, se foram pagas e tal, como foi a produção, se realmente teve uma reverberação para você... E uma outra coisa, é em relação às aulas, né? As aulas online aconteceram, você teve muita procura, foi legal que te segurou naquele momento. Mas você pensa pro futuro? Você acha que isso é uma coisa que vai... permanecer? Ou foi somente uma tábua... Tipo isso, uma espécie de tábua de salvação. Naquele momento foi necessário... Você falou que não é muito tecnológica, né? E, sei lá, não sei se de repente não entra mais no seu... No seu horizonte. É isto!

**Analú Braga:** Bom, respondendo a pergunta, que eu acho que é: o que fica né? E como são os planos futuros. Se valeu, se é uma coisa que se estende, ou se é o olho no olho mesmo de volta, retornando. Eu acho que sim, fica. Mas eu acho que as duas coisas. Eu acho que a experiência foi muito válida em todos os ambientes, não só... No meu caso, com as aulas, eu não segui porque, por conta desse outro projeto, né? O mestrado, e tal. Mas com certeza eu teria continuado. A procura continuou grande até para aulas online. Minha vontade de voltar presencial é enorme! Com certeza isso vai acontecer assim que eu voltar, estiver no Brasil.

Mas eu tô criando laços aqui, [com] pessoas que, num futuro próximo, talvez eu possa dar aula online também, né? Então tem isso. Eu acho que é totalmente possível. Eu acho que essas redes de encontros, tanto presenciais, quanto online, acho que elas... O presencial sempre foi assim: na medida que você vai ampliando e tal aquela coisa do boca-a-boca, vai acontecendo... Já tem quase um ano e meio que eu não tô dando aula, que eu parei por conta do mestrado, e as pessoas até hoje, no mínimo uma ou duas por mês, me procuram né? Me procuram perguntando se eu tô dando aula. Então isso é uma coisa que tá reverberando até hoje. Atualmente acho que as pessoas procuram aula presencial sim, porque acho que tá todo mundo nessa sede desse reencontro. Mas eu percebo que o online é uma coisa que se abriu e é sem volta. É uma possibilidade a mais, né? Que permite dar aula pra outro estado, outro país. E isso eu vejo no caso do mestrado também. Que vai voltar, talvez, mas tem a possibilidade de ficar híbrido também. Continua a possibilidade de

ter algumas coisas online. Então acho que é isso. São portas que se abriam para não fechar mais.

Bom, sobre as Lives, eu percebo primeiro que foram vários convites pagos e não pagos também. Mas como era um momento delicado e eu tava abrindo as vagas para as aulas, então eu acho que ao mesmo tempo essa questão de ser vista, de estar ali, era importante. Então acho que, em geral, eu topei tudo. É claro que também a gente tem que se valorizar e tem coisa que... Se você sabe que é um projeto, que tem patrocínio e a pessoa te chama de graça... Poxa! Nada a ver. Mas se você sabe que é um projeto pessoal, que a pessoa tá levando na raça. Poxa, eu faço com o maior prazer, né? Claro que isso tem a ver com várias coisas, né? Com relações também. Mas eu acho que é isso. Era um momento de aproveitar também, porque eu já não tenho essa autopromoção nas redes. E a partir de Lives e de outros projetos de outras pessoas, como convidada, você entra em destaque ali. E com certeza, com certeza eu arrumei alunas, principalmente alunas. Isso é muito interessante. Eu acho que eu já comentei isso lá para trás, já me perdi aqui, mas naturalmente muitas mulheres me procuram. E me procuram ainda. E sim, eu participei da Live do Pandeiro Etc. e aí teve gente que me procurou depois para fazer aula. Eu participei de uma Live da Roda do Pandeiro de Choro e depois tive umas duas alunas que me procuraram porque assistiram à Live.

Mas aí, nesse meio tempo também tiveram projetos legais, como... Eu dei uma oficina - aí foi fechada - e foi uma Live e tal, mas para o pessoal da Percussão Circular. Dei uma oficina de pandeiro no Choro. Foi muito bacana e foi pago né? Eles me pagaram. E também fui convidada para dar uma aula como professora convidada no Arena da Cultura [hoje Escola Livre de Artes] que também recebi e tal. Então é isso. Rolaram diversos formatos. Ah, teve um projeto também que o Renato Muringa gravou: "Belo Caso de Amor com Belo Horizonte", que também veio de um projeto que ele aprovou, e também, no caso, foi pago. Então é isso: Lives de todas as formas! E sim, eu acho que acaba que uma outra pessoa que vê ali e às vezes se interessa e te procura depois. Isso acontece e acho que é importante sim. Acho que é isso!

**Frederico:** Obrigado, um beijo para você! Qualquer coisa a gente fala mais um pouquinho, mas espero que esteja tudo bom aí com vocês. Que estejam aproveitando, além do estudo, desse envolvimento, a experiência de estar por aí também. Beijós.

**Analu Braga:** Um beijo para você...

**Frederico:** Muito obrigado, antes de mais nada de novo. Ótimo. Obrigado pela disponibilidade! (risos) Eu sempre acho que é isso: você tá doando o seu tempo e o tempo da gente é muito precioso, né? Com o tanto de coisa que a gente tem que fazer!

**Analu Braga:** E é isso, comunicamos aí em breve!

Você ouviu o **PARA ALÉM DAS LIVES**, podcast criado produzido e apresentado por Frederico Pessoa. Obrigado por nos acompanhar. Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.

Para mais informações, acesse @paraalemdaslives no Instagram, nossa página no Facebook, ou o nosso site: [www.paraalemdaslives.fredericopessoa.net](http://www.paraalemdaslives.fredericopessoa.net). Até a próxima!

realização



incentivo



CULTURA



**PREFEITURA  
BELO HORIZONTE**

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA